

Arquitetura da linguagem: limites ultrapassados, verdades descobertas

Viviane Holanda Barros Carvalho

Inicialmente, é relevante avaliarmos que, partindo para os estudos sobre a linguagem, há um grande número de caminhos que podem ser indicados a depender do ponto de chegada. Neste sentido, a premissa de nosso texto está no fato de que não podemos conceber a linguagem como simples invenção de um ambiente ao qual o homem se encontra inserido. A semente da linguagem é humanamente inata, e, por conseguinte, não se funda em meras convenções históricas, sociais ou geográficas. Acreditamos, sim, que esse caráter inato da linguagem depende de um meio específico para surgir, entretanto, o meio não cria a linguagem, apenas a desperta.

Nesse sentido, buscaremos nos postulados de Noam Chomsky, especialmente em uma palestra realizada na Universidade de Delhi (Índia) em 1996 (em que ele refletiu sobre a história do Gerativismo e o programa Minimalista), elementos que corroborem essa nossa premissa e, ao mesmo tempo, conclusão.

Passemos a falar especificamente da transcrição da palestra intitulada “Arquitetura da Linguagem”, proferida por Chomsky e que provocou entusiasmo em todos os presentes (linguistas profissionais e não especializados). No decorrer do evento, o autor traçou todo seu percurso histórico que teve início com a primeira pesquisa sobre linguagem (1955) até o Programa Minimalista (1995), tendo ainda que delinear as principais inovações técnicas da Gramática Gerativa nos últimos anos.

Ao utilizarmos como baliza para essa análise a noção de aquisição da linguagem defendida no Gerativismo, percebemos que essa teoria se encontra assentada sobre a hipótese da linguagem como uma faculdade especificamente humana, de causa biológica, executada por um órgão, a mente/cérebro.

Fica claro que os elementos que compõem o texto através das respostas concedidas por Chomsky na palestra apresentam de súbito seu caráter definitivamente racionalista e provocador.

Um dos primeiros questionamentos foi levantado por um dos organizadores do evento, que notadamente pretendeu confundir o palestrante quanto às suas defesas. No entanto, percebe-se claramente que Chomsky defende com autonomia e firmeza o viés que trata de questões sociais (políticas) em oposição aos postulados linguísticos retratados por ele.

Assim, questiona o professor Rama Agnihotri no início da palestra:

“Porque a política de Chomsky não o obriga a ver a linguagem como mais um instrumento de exploração social?”

Como é que uma pessoa tão profundamente tocada pelo sofrimento humano se concilia com o fato de considerar a linguagem como um sistema cognitivo puramente biológico, e não como um componente essencial dos jogos de poder na sociedade?”

Em resposta, Chomsky comenta:

“Podemos encontrar respostas profundas para certas questões que, de fato, se refiram diretamente a assuntos de interesse humano, mas isso raramente acontece. Então, tenho interesse em ambos os tópicos e dedico um bocado de tempo e esforço a ambos, mas eles simplesmente não parecem se misturar.”

Dando seguimento às outras questões levantadas no decorrer no evento, passemos a tratar do escopo da linguagem.

Vale ressaltar que os pontos levantados na discussão foram divididos em três tópicos: o escopo da Linguagem; a aquisição da Linguagem e a teoria da Linguagem.

Tomemos como base o questionamento sobre “Era chomskyana”, em que um espectador define ironicamente a linguística como uma disciplina de quebrar cabeças, chamando-a de “esotérica”. Nesse sentido, o autor reforça que não há personalização (chomskyana) na investigação racional, todo mundo está trabalhando nela. E comenta que essa dificuldade científica é comum em todas as áreas. “Na Química, por exemplo, uma porção de coisas é simplesmente ininteligível sem uma formação extensa”, diz Chomsky.

Sobre o tópico de aquisição da linguagem, um dos participantes do evento levanta a questão tocante à elaboração do ponto de vista de Chomsky

sobre a afirmação de que a linguagem é inata, mas também tem uma função sobreposta nos níveis articulatório e representacional.

Eis a resposta de Chomsky:

“O tema do inatismo é curioso. Há uma vasta literatura que argumenta contra isso, e não há nenhuma que defenda a tese. De modo que o debate fica engraçado por ser unilateral. Muitas pessoas rejeitam a proposição de que a linguagem é inata, mas ninguém as replica.

Dizer que “a linguagem não é inata”, é dizer quer não há nenhuma diferença entre minha neta, uma pedra e uma lebre. Em outras palavras, se colocar as três numa comunidade que fala inglês, todas vão aprender o idioma. Se as pessoas acreditam que há alguma diferença entre minha neta, uma pedra e uma lebre, então constataam que a linguagem é inata.

Há propriedades da faculdade da linguagem que não são encontradas em nenhum outro lugar. É o caso da propriedade mais elementar da faculdade de linguagem: “a infinitude discreta” . Há frases com seis palavras, com sete palavras, mas não há frases com seis palavras e meia. Além disso, não há limite, pode haver frases com dez palavras, vinte...e assim por diante.”

Analisando este ponto de vista apresentado por Chomsky como resposta a esse questionamento e a vários outros pontos elencados na palestra, acreditamos ser suficiente para expor nosso pensamento sobre a teoria postulada por este célebre pesquisador.

Nesse aspecto, a visão inatista defende que os seres humanos nascem programados biologicamente para falar, assim como os pássaros para voar. A linguagem se desenvolve naturalmente nas crianças. O ambiente contribui para que as pessoas falem uma língua. O restante a criança faz por si só. Para isso, aciona inconscientemente um mecanismo cerebral que, supostamente, contém um conjunto de princípios válidos para todas as línguas humanas.

Embora haja argumentos contra e a favor dos postulados chomskyanos, importa ressaltar que muitos estudiosos da linguagem rejeitam a proposição de que a linguagem é inata, mas nenhum replicou ou se propôs a explicar os fatos linguísticos decorrentes do conhecimento mentalizado que os falantes possuem da língua. É isso que faz com que o Gerativismo produza uma verdadeira revolução no modo de pensar a linguagem. Utilizamos o termo “revolução” porque, mesmo aqueles que não seguem os princípios do

Gerativismo, precisam se posicionar em relação a ele a fim de poder instaurar uma outra proposta.

Assim, mesmo admitindo o fato de que foram os postulados de Saussure que deram notoriedade e cientificidade aos estudos de linguagem, a teoria de Chomsky sobre o órgão biológico da linguagem é um divisor de águas das pesquisas realizadas por muitos estudiosos dessa área ao longo dos anos por conseguir persuadir a comunidade científica sobre o postulado de que nascemos programados para falar.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. **Arquitetura da Linguagem**. Tradução de Alexandre Morales e Rafael Ferreira Coelho. Bauru – SP: Edusc, 2008.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

Viviane Holanda Barros Carvalho é professora de língua inglesa nas redes pública e particular de ensino. E-mail: vivianecarvalho@gmail.com